



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16901 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 12 - Currículo

ESPAÇO, TEMPO E SUJEITO: INTERROGANDO O TEXTO MODERNO DAS TEORIZAÇÕES CURRICULARES
 Victor Pereira de Sousa - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Thiago Ranniery Moreira de Oliveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ESPAÇO, TEMPO E SUJEITO: INTERROGANDO O TEXTO MODERNO DAS TEORIZAÇÕES CURRICULARES

Esta pesquisa considera, como um exercício ético-político, a necessidade de dar fim ao mundo como conhecemos (Ferreira da Silva, 2019) por meio de uma releitura do espaço e do tempo, não como categorias transcendentais, mas como pressupostos ontológicos, na esperança de interrogar a propagação que Denise Ferreira da Silva (2022) chama de texto moderno nas teorizações curriculares. Diferentes autores (Veiga-Neto, 2002; Macedo, 2018; Ranniery; Medeiros, 2021) já demonstraram as relações intrínsecas entre modernidade, espaço, tempo e currículo. No entanto, realizamos uma leitura tateante de rastros das teorizações curriculares para expor de que modo o texto moderno e seus descritores – separabilidade, sequencialidade e determinabilidade – engendram ontologicamente o tempo e o espaço das/nas teorias curriculares. Longe de confrontar a centralidade do conhecimento nas teorias de currículo, o problema se concentra em interrogar como a repetição da centralidade das ferramentas de *como conhecemos o mundo* opera o espaço e o tempo no texto curricular e sustenta a lógica do engolfamento da diferença. O argumento desenvolvido é que as teorias de currículo acionam o espaço e o tempo para existir e tal necessidade mostra as limitações impostas por tais categorias – tanto lineares (históricas) quanto circulares (lógicas) – como dados ontológicos, elementos empíricos e horizonte político.

Nosso interesse não é somente sugerir que o currículo é resultado da luta pela significação levada à cabo pelas próprias teorizações, mas que as teorias curriculares seguem

reiterando certo modo de funcionamento do mundo. Por texto moderno, Ferreira da Silva (2022) evoca o programa de conhecimento kantiano, segundo o qual o espaço e o tempo estão numa relação entre a intuição e o fenômeno, diretamente relacionados ao conhecimento. Para Kant (2001), “a capacidade de receber representações (receptividade) [...], denomina-se *sensibilidade*” e é por meio dela que identificamos os objetos do mundo através de intuições. Contudo, é pelo entendimento que conseguimos pensar sobre esses objetos. Desse modo, “a intuição que se relaciona com o objeto [...] chama-se *empírica*. O objeto indeterminado de uma intuição empírica chama-se fenômeno” (Kant, 2001, p. 87). Kant (2001) sugere que o espaço e o tempo são formas puras da intuição sensível, princípios *a priori* do conhecimento, o que significa que são o que possibilita o fenômeno ser ordenado pela intuição. Portanto, espaço e tempo são formas da sensibilidade. O espaço é a experiência externa e o tempo a experiência interna. Assim, “por intermédio do sentido externo (de uma propriedade do nosso espírito) temos *a representação de objetos como exteriores a nós e todos situados no espaço*” (Kant, 2001, p. 89, grifos nossos).

A propagação desse texto cumpre o papel de atualizar as ferramentas tributárias do sujeito (e do) humano, mesmo quando posicionada por críticas. Para Tomaz Tadeu da Silva (2007, p. 14), por exemplo, a “questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria de currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado” e isso decorre do fato de que as “teorias de currículo deduzem o tipo de conhecimento considerado importante justamente a partir de descrições sobre o tipo de pessoa que elas consideram ideal” (Silva, 2007, p. 15). Quer se concorde ou não, nossa questão é apenas sinalizar como a formulação *qual conhecimento deve ser ensinado* e as disputas que ela carrega trazem consigo uma questão espaço-temporal. Os efeitos dessa repetição são: há um objeto situado fora, externo, *no* espaço, e anterior, *no* tempo, que pode ser deduzido para o currículo a partir da necessidade de um sujeito que será formado ao final de um processo.

Em diferentes trabalhos, Antônio Flávio Moreira (2005; 2007), influenciado por Michel Young, defendeu que o currículo é o espaço por excelência para a seleção e organização do conhecimento. Para o autor, é de suma importância a teorização curricular “voltar a considerar mais rigorosamente os processos de selecionar, organizar e sistematizar os conhecimentos a serem ensinados e aprendidos na escola” (Moreira, 2007, p. 287). O currículo, nessa perspectiva, é “o espaço em que se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e sobre o político” (Moreira; Candau, 2007, p. 28). Não sem razão, Moreira e Candau (2007) afirmam ainda que é por meio do currículo que “certos grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua ‘verdade’. A preocupação de Young (1971, 2014) com as desigualdades sociais são, de fato, questões que giram em torno da seleção e organização do conhecimento escolar, com a diferença, em nossa leitura, sendo figurada para delimitar quem propriamente pode dizer *eu* e quem não.

Assim, se o currículo se torna o espaço *onde* o conhecimento é situado ao longo da sequência do tempo, é porque expõe que “a necessidade [...] permanece operante em um

programa social-científico regido pela liberdade” (Ferreira da Silva, 2024, p. 18). De igual modo, se “o conhecimento socialmente acumulado é tomado como corpo social capaz de dar propósito à vida, cabendo ao sujeito a construção de um significado voltado à expansão e ao melhoramento da experiência pessoal e social” (Costa; Lopes, 2022, p. 11), o texto moderno registra as formas pelas quais a relação do/entre tempo e espaço tem sido crucial em tornar o sujeito (e o) humano o único fator relevante do currículo porque subjuga o mundo ao que pode ser apreendido no tempo e no espaço. O mundo *conhecido* direciona um delineamento tanto da diferença como externalidade alteritária separada, quanto da matéria do currículo como unidade determinada mesmo que fragmentada ou contestada. Para além do tempo se constituir de forma linear e o espaço como uma categoria fixa, essas questões expõem ambos como categorias ontológicas, compondo a arquitetura ético-política que reduz o mundo ao que só é possível de conhecer na relação com um sujeito. Nesta curva, a transparência, “descriptor ontológico que sustenta a escrita da existência moderna” (Ferreira da Silva, 2024, p. 33), segue se atualizando como pano de fundo do exercício crítico da teorização. Porém, o que acontece a teoria de currículo quando não há ninguém?

REFERÊNCIAS

- COSTA, Hugo Heleno; LOPES, Alice Casimiro. O conhecimento como resposta curricular. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, p. 1-23, 2022.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. São Paulo: Casa do Povo, 2019.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *Homo modernus*. São Paulo: Cobogó, 2022.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *A dívida impagável*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo; Vozes, 2001.
- MACEDO, Elizabeth. A teoria do currículo e o futuro monstro. In: LOPES, Alice Casimiro; SISCAR, Marcos. (Org.). *Pensando a política com Derrida*. São Paulo: Cortez Editora, 2018, v. 1, p. 153-178.
- MOREIRA, Antônio Flávio. O estranho em nossas escolas: desafios para o que se ensina e o que se aprende. In: GARCIA, Regina; ZACCUR, Edwiges; GIAMBIAGI, Irene (Orgs.). *Cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MOREIRA, Antônio Flávio. A importância do conhecimento escolar em propostas curriculares alternativas. *Educação em Revista*, n. 45, p. 265-290, 2007.
- MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera. *Indagações sobre o currículo*. Brasília: MEC/SEB, 2007.
- RANNIERY, Thiago; MEDEIROS, Ricardo. Uma rede passa pelo currículo: difração e modos de existência na política curricular. *Roteiro*, v. 46, e23821, 2021.
- VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículo e diferenças. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 79, p. 163-186, 2002.
- YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e porque é importante. *Cadernos de pesquisa*, v. 44, n. 151, p. 190-202, 2014.

YOUNG, Michael (Org.). *Knowledge and control: new directions for the sociology of education* .
London: Collier Macmillan, 1971.